

deus - magia

tentava fazê-lo através de bruxarias, fórmulas e conjurações. O deus caía sob o poder do mágico; tornava-se seu escravo, e, senhor de seus segredos, o feiticeiro podia à sua vontade transformar o universo e contrariar as leis. À medida que as ciências se desembaraçaram dos princípios da superstição e da quimera, a magia viu seu domínio se restringir cada vez mais. Ela havia primeiramente invadido todas as ciências, ou, para dizer melhor, ela se mantinha completamente no lugar: astronomia, física, medicina, química, a própria escrita e poesia, tudo, no princípio, estava colocado sob sua tirania. O conhecimento das leis naturais, revelado pela observação, mostrou tudo o que havia de estéril e de absurdo nas práticas às quais ela recorria. Banida em primeiro lugar da ciência dos fenômenos celestes, ela se refugiou na das ações físicas. Depois, expulsa de novo, pela experiência, do mundo material e terrestre, retirou-se nas ações fisiológicas e psicológicas, cujas leis mais obscuras se deixavam menos facilmente penetrar; ela aí se fortificou, e continua a resistir ainda.

Não havia todavia senão mentira e delírio nos procedimentos mágicos; é suficiente contemplar algum tempo a natureza para se descobrir certas leis. Os mágicos chegaram assim em boa hora à noção de diversos fenômenos dos quais não sabiam perceber a causa, mas dos quais seguiam com atenção todos os acidentes. Essas noções foram associadas a práticas ridículas nas quais se extraviava a ignorância, e da qual se soube tirar partido para produzir efeitos capazes de impressionar as imaginações. Saíram assim da magia algumas ciências que permaneceram durante muito tempo contaminadas das doutrinas quiméricas no seio das quais elas tinham nascido. A terapêutica, a astronomia, a química passaram por um período de superstição que representa o conhecimento dos simples, a preparação dos filtros, a astrologia, a alquimia, produtos imediatos da magia das primeiras idades. E o sucesso que assegurava aos encantamentos o emprego de procedimentos fundados sobre propriedades reais e observações físicas contribuiu fortemente para acreditar no espírito do vulgar, na crença de sua eficácia. Não obstante, a ilusão se dissipou pouco a pouco, e todas as maravilhas que os mágicos pretendiam realizar se dissiparam desde que se tentou verificar a reali-

dade. Não foi difícil reconhecer que a despeito das bruxarias, das conjurações e das fórmulas, a natureza continuava sempre a mesma; que suas leis não eram nem perturbadas, nem alteradas; então se percebeu que não há em todas essas fantasmagorias senão uma ilusão do espírito. O mágico não surgiu mais como um homem que possui sob sua dependência os fenômenos e os agentes naturais, mas como um artesão de mentira, de posse de certos segredos para lograr nossa imaginação e evocar ante ela imagens enganosas. Essa foi como que a última idade da magia. Cessáramos de crer nos prodígios que ela pretendia realizar, porém acreditava-se ainda na realidade da ciência dos mágicos. Representavam-se todos eles como cúmplices dos espíritos maléficos, sequazes do inferno, que podem iludir nossos sentidos, apoderar-se de nossa vontade, transtornar nossa inteligência; e a força que se lhes negava sobre o mundo físico era reconhecida ainda sobre o homem. Tal tem sido o ponto de vista ao qual a maioria dos cristãos se têm colocado. Muito esclarecidos para dar à magia um poder que eles fortificavam nas mãos de Deus, eles não o estavam ainda bastante para reconhecer a inanidade das práticas mágicas e o ridículo dos encantamentos. Mas aqui, como a cada momento, uma mistura de verdades e de erros mantinha os espíritos numa opinião supersticiosa. Os mágicos, os feiticeiros tinham efetivamente descoberto os meios de exaltar ou de aplacar nossos sentidos pelo emprego de certos narcóticos, de provocar em nós alucinações por uma perturbação produzida no cérebro e no sistema nervoso; e essas ilusões, que constituíam toda a sua arte, pareciam aos cristãos obra do diabo, a prova da intervenção dos demônios nos sortilégios e conjurações.

A demonologia, que serviu de suporte à magia expirante, é doravante condenada por todos os espíritos sérios e críticos. Resquício do naturalismo antigo, do qual o cristianismo por sua vez sofreu a influência, ela faz, ainda, de vez em quando, aparições; e em momentos de desalento, de delírio ou de terror, ela tenta retomar sobre a razão uma parte do terreno que ela perdeu. Esforços vãos: a constância das leis físicas se revela mais do que nunca nas maravilhas da ciência aplicada. O estudo dos fenômenos mantém em nós a fé no maravilhoso, e é por

demonologia